

## Marcas de distinção no romance *Every Light in the House Burnin'*, de Andrea Levy<sup>1</sup>

*Distinction signs in the novel Every Light in the House Burnin', by Andrea Levy*

**Juliana Cássia Müller**

Discente do curso de Licenciatura em Letras – Inglês na Universidade Federal de Santa Maria.

E-mail: [juju-1232@hotmail.com](mailto:juju-1232@hotmail.com)

---

**Resumo:** Este artigo busca analisar os elementos de distinção em diferentes grupos familiares presentes no romance *Every Light in the House Burnin'*, escrito por Andrea Levy. Partindo disso, o foco é direcionado a dois grupos: o hegemônico e o minoritário. Tendo como suporte teórico o pensamento do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2007), este trabalho utiliza-se do seu conceito de distinção, a fim de discutir a construção das barreiras entre os grupos sociais, por meio de suas preferências, representadas por elementos como hábitos alimentares, moradia e lazer, presentes nos quatro núcleos familiares ficcionais selecionados.

**Palavras-chave:** Andrea Levy. Distinção. *Every Light in the House Burnin'*. Literatura de imigração.

**Abstract:** This article aims to analyse the elements of distinction in different family groups presented in the novel *Every Light in the House Burnin'*, written by Andrea Levy. Considering this, the focus of this discussion is directed to two groups: the hegemonic and the minority group. With the theoretical support of the French sociologist Pierre Bourdieu (2007), this article uses its concept of distinction in order to discuss the construction of barriers established among social groups through their preferences, represented by elements such as eating habits, housing and leisure, present in the four selected fictional households.

**Keywords:** Andrea Levy. Distinction. *Every Light in the House Burnin'*. Migrant literature.

---

### 1 Introdução

Ambientado no contexto britânico dos anos 60, o romance *Every Light in the House Burnin'* encena o processo de imigração ocorrido na era *Windrush*, sendo esse acontecimento “repetidamente memorializado como o momento inaugural da imigração das Índias Ocidentais para a Inglaterra” (COURTMAN, 2012, p. 84, tradução nossa)<sup>2</sup>. Nesse período, muitos caribenhos migraram para a Grã-Bretanha a bordo do *SS Empire Windrush*, com a finalidade de trabalhar naquele país. Como consequência desse processo, houve o desenvolvimento da criação literária, a qual é produzida por esses agentes sociais e leva em conta questões sobre pertencimento e reconfiguração cultural.

---

<sup>1</sup> Artigo de Iniciação Científica desenvolvido no projeto Margens e Minorias na Literatura, na Universidade Federal de Santa Maria, tendo como orientador o Professor Dr. Dionei Mathias.

<sup>2</sup> “repeatedly memorialised as the inaugural moment in West Indian immigration to England” (COURTMAN, 2012, p. 84).

A autora do romance, Andrea Levy, nasceu e cresceu negra, naquilo que, afirmado por ela mesma, ainda era uma Inglaterra muito branca. Assim como Angela, a protagonista de *Every Light in the House Burnin'*, a autora é filha de imigrantes caribenhos que chegaram à Grã-Bretanha no navio *Empire Windrush*. Além disso, é uma das escritoras mais importantes do *Black British Writing*, uma literatura escrita em língua inglesa por caribenhos, asiáticos, africanos e outras pessoas oriundas do antigo império britânico, literatura essa que emergiu nas últimas décadas. As temáticas mais recorrentes em suas obras giram em torno da escravidão, imigração e de questões de pertencimento, além de que “baseiam-se em muitos aspectos de suas próprias experiências de maioridade e antecedentes familiares” (SHARMA; DWIVEDI; TIWARI, 2016, p. 18, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Escrito em 1994, o enredo do romance de Andrea Levy narra a vida de Angela, uma jovem, negra, filha de pais imigrantes caribenhos; e de seus familiares, os quais passaram a residir na Grã-Bretanha. Tal núcleo familiar, os Jacobs, é composto por Winston, o pai; Beryl, a mãe; John, o irmão, Yvonne e Patrícia, as irmãs. Ademais, há um foco na reconfiguração cultural de Winston, que chega à Grã-Bretanha, em 1948, a bordo do *Empire Windrush*. Destaca-se, à guisa de curiosidade, que a mesma temática volta a ser abordada em outros dois romances: *Never Far from Nowhere* (1996) e *Fruit of the Lemon* (1999), os quais “apresentam as frustrações e desafios da segunda geração de imigrantes negras em Londres” (DUBOIN, 2011, p. 14, tradução nossa)<sup>4</sup>.

A partir de um estudo da recepção, notou-se que poucos artigos tratam propriamente sobre o romance *Every Light in the House Burnin'*, havendo uma predominância de enfoque nas questões de pertencimento abordadas no conjunto de obras da autora, como visto no artigo de Silva (2017), no qual a autora busca examinar a interrogação da inglesidade de Levy por meio de questões acerca do pertencimento da própria autora. O artigo de Githire (2010) é o mais substancial para a presente pesquisa, pois analisa a conexão entre comida e pertencimento. Por fim, o artigo de Mathias (2018) busca discutir a gênese discursiva da literatura de imigrantes nos contextos da Inglaterra, do Canadá e dos Estados Unidos. Contextualizando o processo de obtenção de voz de cada esfera, o autor aponta as dificuldades encontradas pelos autores e pela crítica literária em estabelecer uma configuração discursiva que abarque essa nova formatação de produção literária em contextos anglófonos.

Tendo como suporte teórico o pensamento de Bourdieu (2007), este trabalho utiliza-se do conceito de distinção, desenvolvido pelo sociólogo francês a fim de discutir a encenação das barreiras estabelecidas entre os grupos sociais por meio de suas preferências, visto que para ele “o gosto é princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo o que se é” (BOURDIEU, 2007, p. 56). Segundo ele, muitas das escolhas pessoais do dia a dia — por exemplo, o que comer e vestir — poderiam ser explicadas por meio de uma referência à estrutura geral das classes. Assim, esse conceito torna-se de suma importância para a análise aqui proposta, visto que o

<sup>3</sup> “draw on many aspects of her own coming-of-age experiences and family background” (SHARMA; DWIVEDI; TIWARI, 2016, p. 18).

<sup>4</sup> “present the frustrations and challenges of second-generation black female immigrants in London” (DUBOIN, 2011, p. 14).

romance atribui um foco direcionado para o gosto, o qual está presente em diferentes núcleos familiares e em sua configuração espacial e econômica. Além disso, esses gostos têm a capacidade de conectar as esferas que apresentam condições objetivas similares, ao mesmo tempo em que os distanciam daqueles que possuem preferências diferentes.

Conforme mencionado previamente, este artigo encontra-se relacionado com o campo de pesquisa sobre literaturas de imigração e busca analisar a tríade composta por hábitos alimentares, moradia e lazer como prática de distinção entre as diferentes esferas familiares apresentadas na realidade diegética, focando em dois grupos: o hegemônico e o minoritário. Para este estudo, serão discutidos os gostos e as configurações de quatro esferas familiares, sendo elas: os Jacobs, que são imigrantes caribenhos negros; os Simpsons, uma família rica composta por George e sua esposa; Sonia e sua mãe, uma família que não é tão abastada quanto os Simpson, mas que ainda assim apresenta capital econômico maior do que os Jacobs; e os Kromers, família composta por Charles e sua esposa, que é professora de música de Angela, como seus integrantes. Por meio disso, torna-se possível examinar de que forma esses elementos distanciam os indivíduos pertencentes ao grupo minoritário do hegemônico.

## *2 Os hábitos alimentares como elemento de distinção*

A principal função desempenhada pela alimentação é nutrir o ser humano, estando presente em grande parte dos momentos da vida cotidiana. Contudo, nutrir não é a sua única função no romance de Levy. Na narrativa, a comida consumida transforma-se em símbolos segregacionistas que representam aqueles que detêm muito ou pouco capital econômico. Ao retratar a vida da família Jacobs, imigrante e negra, na Grã-Bretanha, Levy sutilmente mostra ao leitor o esforço feito pelos integrantes dessa família para uma tentativa de encaixe ao ambiente em que vivem e no patamar das famílias que os cercam, sendo essas predominantemente brancas e ricas. Desse modo, a alimentação transforma-se em uma forma de aproximação com esse universo e é dividida principalmente entre a apreciação pela carne de galinha e o desgosto pela salsicha.

No universo da narrativa, a salsicha é vista como um símbolo de inferioridade e incapacidade, especialmente quando ingerida nas refeições de domingo — na narrativa, o domingo seria um dia reservado para refeições especiais. Diversas vezes, a protagonista Angela, que faz parte da família Jacobs, é influenciada por sua mãe Beryl a mentir em relação aos seus hábitos alimentares, pois eles seriam vistos como sinais de carência econômica. O distanciamento referente a tais hábitos causa certo “preconceito” provindo das demais famílias, visto que “a aversão pelos estilos de vida diferentes, é, sem dúvida, uma das mais fortes barreiras entre as classes” (BOURDIEU, 2007, p. 57). Esse preconceito não se restringe apenas à esfera familiar, visto que a médica que trata Angela durante um episódio da narrativa chega à conclusão de que os Jacobs não dispõem de recursos para consumir refeições decentes, sendo esse o motivo pelo qual Angela adoeceu: “Eu espero que ela receba bastante leite e frutas se você não se dá ao luxo de comida decente. Ela parece anêmica — vou ter que fazer um

exame de sangue quando ela estiver melhor. Você entende? Muito leite” (LEVY, 1994, p. 97, tradução nossa)<sup>5</sup>.

A partir do sentimento de exclusão gerado por esse grupo, aqueles que se encontram fora do círculo hegemônico precisam buscar uma forma de “mascarar” a diferença, adaptando-se ao modo de vida dos modelos que devem ser seguidos. Isto é, buscar esconder a sua realidade — o fato de comer salsichas nas refeições de domingo, por exemplo — a fim de alcançar a aceitação, visto que como acontece em uma das passagens do romance: “Salsichas — isso é muito legal, Ada, mas, você sabe, você poderia ter dito isso em voz alta, para que todos nós pudéssemos ouvir”, disse a Srta. Thompson. ‘Não, ela não poderia’, Michael disse quietamente” (LEVY, 1994, p. 143, tradução nossa)<sup>6</sup>. Michael, uma criança, representa aqui a classe dominante, enquanto Ada, apesar de não pertencer a tal família, representa os Jacobs: uma imigrante negra que não pode mostrar incapacidade perante o grupo hegemônico, visto que isso seria interpretado como uma evidência de que ela carece de capital econômico para se dar ao luxo de aproveitar refeições melhores. Diante de conclusões pensadas inteiramente a partir de situações econômicas, a família Jacobs permanece com apenas uma opção: adequar-se à preferência do grupo hegemônico, a fim de diminuir a diferença existente, uma vez que “os gostos (ou seja, as preferências manifestadas) são a afirmação prática de uma diferença inevitável” (BOURDIEU, 2007, p. 56).

Ao longo da narrativa, a carne de galinha é posta como um alimento que exprime uma simbologia de superioridade, tornando-se, então, uma forma de aproximação com a cultura hegemônica. Por meio dela, a minoria, representada pela família Jacobs no romance, poderia se sentir pertencente ao ambiente, no qual, contudo, é tratada com hostilidade. Ao ser questionada por sua mãe em relação ao que a menina dirá para a Sra. Simpson caso for perguntada sobre sua refeição de domingo, Angela afirma que dirá que comeu salsichas. A partir disso, ocorre um conflito entre as duas, visto que Beryl declara que “todo mundo vai pensar que nós comemos salsichas no domingo, que nós não podemos nos dar ao luxo de comer um bom jantar de domingo. Não diga salsichas - diga galinha” (LEVY, 1994, p. 133, tradução nossa)<sup>7</sup>. Desse modo, a mãe influencia Angela a mascarar seus hábitos alimentares, substituindo-os por outros que sejam mais próximos aos gostos do grupo hegemônico.

Ao contrário dos Jacobs, a família Simpson não precisa se preocupar em relação a seus hábitos alimentares, visto que dinheiro e *status* não são o problema. Mantenedores de uma fortuna substancial, esses hábitos diferem muito dos que estão presentes na residência dos Jacobs: carne e batatas crocantes. Apesar de haver apenas um capítulo destinado à família Simpson, fica evidente a grande diferença que existe entre ela e a família de Angela. Além de carne, há algo que não existe nas refeições da outra família: um acompanhamento — retratado pelas batatas crocantes — e que, de

<sup>5</sup> “I hope she gets plenty of milk and fruit if you can’t afford decent food. She looks anemic - I’ll have to take a blood test when she’s a bit better. Do you understand? Plenty of milk” (LEVY, 1994, p. 97).

<sup>6</sup> “Sausages - that’s very nice, Ada, but you know you could have said it louder so we could all hear’, Miss Thompson said. ‘No, she couldn’t’, Michael said quietly” (LEVY, 1994, p. 143).

<sup>7</sup> “Everyone will think that we have sausages on Sunday, that we can’t afford to eat a proper Sunday dinner. Don’t say sausages - say chicken” (LEVY, 1994, p. 133).

um simples elemento, passa a ser configurado como outro fator de distinção. Por se tratar de uma família rica, que se encaixa nos padrões e não deixa dúvidas em relação ao seu pertencimento, é esperado que sua configuração alimentar seja narrada de forma distinta. O modo como Angela relata o jantar dessa família é diferente: “Sra. Simpson sempre cozinhou um jantar assado na sexta à noite” (LEVY, 1994, p. 135, tradução nossa)<sup>8</sup>. Ela enfatiza que esse tipo de refeição — assada — não ocorre esporadicamente, e sim semanalmente. Além disso, ela também exprime que tal família dispõe de capital para a compra de aparelhos, levando em conta que refeições assadas são feitas em fornos, tornando-se ainda mais pertencente ao modelo cultural padrão. Ao escolherem refeições mais elaboradas, os Simpsons classificam-se como integrantes do grupo hegemônico e merecedores do lugar em que se encontram, enquanto os Jacobs acabam sendo classificados como “não merecedores”, visto que sua alimentação é considerada muito precária.

Somado à rivalidade, galinha *versus* salsicha, outro alimento que ganha destaque é a almôndega. Ao longo da narrativa, ela é vista como um alimento que é comido na ausência de alguém que saiba cozinhar. Ao jogar as almôndegas fora, Angela desencadeia uma cena um tanto quanto peculiar. Os vizinhos, representando o grupo hegemônico, permanecem incertos quanto ao que seriam tais estranhos itens. O alimento parece ser visto como algo que, além de ser comido na ausência de alguém provido de dotes culinários, também é destinado às pessoas que carecem de capital econômico, tendo como base a cena descrita anteriormente. Se ele fosse pertencente à classe dominante, tal estranhamento não existiria, visto que ele estaria presente no dia a dia dessas pessoas e seria detentor de um *status* mais especial — *status* proveniente justamente pelo fato de que ele seria consumido por aqueles que detêm um capital econômico maior.

Por último, outro alimento que causa desconforto para o grupo hegemônico é o guisado temperado. Esse elemento enfatiza ainda mais a importância de que os hábitos alimentares têm nesse universo: eles servem para elevar ou diminuir o *status* de um indivíduo. Ao ser confrontada com uma realidade muito distante da sua, Sonia, a amiga de Angela, sente-se extremamente desconfortável e recusa-se a comer a refeição. Essa cena mostra a reação da classe dominante perante o estilo de vida do outro. Por deter certo capital econômico, ocorre o seguinte questionamento: “por que comer essa refeição?”. Visto que há poder econômico em jogo, aqueles que o detêm em maior quantidade têm a escolha de dizer não, enquanto a minoria não tem outra opção a não ser comer para não passar fome. A cena referida previamente destaca a diferença de gosto que indivíduos de classes diferentes apresentam. Enquanto um apresenta um paladar mais refinado, o outro foca em sanar uma necessidade básica: a fome.

A reação do grupo dominante deixa clara a distinção entre o que pertence ao paladar daqueles que detêm maior poder econômico e o que é mantido de fora. Além disso, “Sonia e sua mãe fazem parte da população em geral que considera a culinária como imutável e, portanto, ampliadora de barreiras definidas e inflexíveis” (GITHIRE, 2010, p. 864, tradução nossa). Ao ser questionada por seus hábitos alimentares, Angela é indagada pela mãe da Sonia: “É isso que você come o tempo todo?” (LEVY, 1994, p.

---

<sup>8</sup> “Mrs Simpson always cooked a roast dinner on Friday night” (LEVY, 1994, p. 135).

46, tradução nossa)<sup>9</sup>. Rebatendo o questionamento, Angela alega comer comida normal, assim como sua amiga Sonia. É importante ressaltar que a mãe de Sonia não se encontra num nível de poder econômico muito alto, visto que ela exerce a função de merendeira em uma escola. Entretanto, ela é mais pertencente à cultura nacional — por não ser imigrante e deter um capital maior que os Jacobs, visto que ela é capaz de oferecer comidas consideradas “melhores” — do que Angela e seus familiares. No momento em que a classe dominante classifica as refeições da família de Angela como “anormais”, há o reforço no pensamento de que aquele grupo marginalizado não é capaz de bancar refeições decentes — o termo decente tem aqui uma conotação de algo que não é meramente nutritivo, mas sim de algo que detém um *status* especial. Ademais, isso mostra o quão distante esses alimentos se encontram das casas daqueles considerados integrantes da classe dominante, visto que não há reconhecimento de pertencimento, não há a presença do sentimento de “eu também como isso”. O que há é a total rejeição das coisas que não fazem parte do seu cotidiano.

Além das três esferas familiares apresentadas anteriormente — os Jacobs, os Simpsons e a família de Sonia — há ainda a presença dos Kromers, a qual é composta por Charles e sua esposa, sendo ela a professora de música de Angela. A configuração alimentar desse grupo é representada de uma forma completamente distinta das outras já mencionadas, visto que são apresentados alimentos mais sofisticados, como a pizza e o abacate. Além disso, há também a inserção de uma bebida que a senhora Kromer denomina como *fizzies* devido a sua composição gasosa e que faz com que Angela fique incerta sobre o que tal bebida poderia ser. Logo, fica claro que a menina não possui conhecimento sobre ela, já que, ao ser questionada sobre qual seria o nome de tal líquido, em sua residência, a única resposta dada é: “Não sei, senhorita,” eu disse. ‘Limonada e Coca, eu suponho” (LEVY, 1994, p. 186, tradução nossa)<sup>10</sup>. O desconhecimento acerca da realidade dos Kromers provoca um distanciamento entre as classes, já que a senhora Kromer tem a impressão de que Angela conhece os pratos que foram oferecidos quando, na verdade, a menina nunca sequer os viu. Nesse contexto, a esfera gastronômica reforça as diferenças entre aqueles pertencentes ao grupo hegemônico e aqueles pertencentes ao minoritário e, conseqüentemente, distancia tais indivíduos.

### 3 A moradia como elemento de distinção

A configuração espacial dos ambientes familiares apresentados no romance torna-se fundamental enquanto elemento de distinção por mostrar diferenças influenciadas, em sua grande maioria, por acúmulo de capital econômico. Em razão desse acúmulo, a família Simpson é intitulada como a primeira em tudo. Eles são os primeiros a possuírem uma televisão, um telefone, uma geladeira e até mesmo um automóvel — artefato que não faz parte da realidade dos Jacobs, apenas de famílias mais ricas, como os Kromers. Logo, sua moradia transmite valores referentes ao poder econômico detido pela família, que se transforma em um símbolo de apreciação diante

<sup>9</sup> “Is that what you eat all the time?” (LEVY, 1994, p. 46).

<sup>10</sup> “Don’t know, Miss,” I said. ‘Lemonade and Coke, I suppose” (LEVY, 1994, p. 186).

daqueles não tão favorecidos. Seus bens exprimem a sua competência relacionada à capacidade de consumir o que há de melhor no mercado, como um telefone — aparelho que não é mencionado na descrição da mobília que compõe a residência da família de Angela—, visto que eles influenciam na “transmissão dos valores, virtudes e competências que servem de fundamento à função legítima das dinastias burguesas” (BOURDIEU, 2007, p. 75). Nesse sentido, os itens decorativos servem como catalisadores para o poder mantido por George e sua esposa, reafirmando seu papel como participantes do grupo hegemônico. Apesar de o tamanho dos apartamentos dos Simpsons e dos Jacobs ser igual, a organização da primeira família é totalmente diferente: “O apartamento deles era imaculadamente limpo e arrumado” (LEVY, 1994, p. 134, tradução nossa)<sup>11</sup>. A senhora Simpson possui certa preocupação com a aparência de sua residência e busca manter o ambiente o mais limpo possível, seja em questão de sujeira ou disposição de móveis. Contrariando o esquema de organização da senhora Simpson, a residência de Angela dispõe de uma quantidade muito grande de mobília, resultando no fato de que “cada pedaço de espaço da parede tinha algo pressionado contra ele” (LEVY, 1994, p. 30, tradução nossa)<sup>12</sup>. O motivo mais plausível para isso decorre da falta de espaço.

A moradia em que Angela e seus familiares residem é extremamente pequena para acomodá-los: são seis pessoas, dois adultos e quatro crianças, vivendo em um apartamento de três quartos. A falta de espaço não é considerada um problema para os Simpsons, visto que os únicos residentes da moradia são George e sua esposa, devido ao fato de não possuírem filhos. Além disso, o modo como Angela narra a configuração espacial das duas residências é totalmente distinto: ao descrever sua morada, ela se atém aos detalhes, dando ênfase para a grande quantidade de móveis e como eles ocupam espaço, uma vez que o tamanho do apartamento não é proporcional ao número de residentes e, conseqüentemente, devido ao número de objetos detidos por eles. Ao descrever a residência em que George e sua esposa vivem, a ênfase é direcionada para quais móveis a decoram, visto que o mais importante é o fato de eles possuírem capital econômico e não a falta de espaço, que é inexistente em tal configuração espacial.

No apartamento de George e sua esposa, os itens que recebem destaque são uma televisão, uma geladeira e um telefone. Quando Angela narra tal configuração espacial, ela enfatiza a função que eles possuem para tal família, como pode ser visto no trecho traduzido a seguir:

eles tinham uma televisão muito antes de qualquer outra pessoa nos apartamentos. Ocasionalmente, eles convidavam pessoas para assistir a um programa, geralmente a *Coronation Street*. Eles tinham um telefone que as pessoas vinham e perguntavam se podiam pedir emprestado. Eles tinham uma

<sup>11</sup> “Their flat was immaculately clean and tidy” (LEVY, 1994, p. 134).

<sup>12</sup> “Every bit of wall space had something pressed against it” (LEVY, 1994, p. 30).

geladeira e ela fazia cubos de gelo de suco de laranja para eu chupar (LEVY, 1994, p. 135, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Já em sua própria residência, o item que apresenta certa ênfase é uma televisão. Ela é o aparelho de maior luxo que a família possui, sendo uma forma de se exibir para Doreen, irmã de Winston, que, ao informar ao irmão que ela e seu marido Andrew possuem uma televisão com uma estação, recebe: “Só uma! Nós temos três aqui” (LEVY, 1994, p. 123, tradução nossa)<sup>14</sup>. O aparelho eletrônico transforma-se então em um símbolo capaz de elevar o *status* dessa família, já que desse modo eles são capazes de mostrar para Doreen e seu marido o quão bem estão se dando na Grã-Bretanha, posto que ambos mostram-se incertos quanto ao seu modo de vida, levantando questões acerca de sua moradia — principalmente sobre o tamanho dela. Além disso, Winston precisa mostrar para sua irmã que possui condições de bancar certo luxo para sua família, uma vez que Doreen e seu marido são detentores de um capital econômico bom, podendo assim possuir um automóvel — item que não faz parte da família Jacobs.

Além das esferas familiares Jacobs e Simpson, há a presença de outra família que, assim como George e sua esposa, dedica certa energia para a configuração espacial de sua morada: os Kromers. A senhora Kromer é a professora de música de Angela e, durante a narrativa, seu marido Charles não está presente. O que há, é uma descrição detalhada da residência dessa família.

De repente, um cômodo se abriu diante de mim, um cômodo enorme. Ele parecia maior do que todo o nosso apartamento. Ele era claro e ensolarado, mas tinha o ar viciado por não ser usado o dia todo. Havia uma área de cozinha com armários de madeira. Ele tinha um fogão que estava na metade da parede e uma geladeira tão grande que você podia entrar (LEVY, 1994, p. 184, tradução nossa)<sup>15</sup>.

Percebe-se que Angela a descreve enfatizando a grandeza que a casa transmite, como se ela simbolizasse um mundo totalmente novo e diferente, ao qual ela ainda não estaria acostumada. De fato, a residência dos Kromers é ainda mais grandiosa do que a dos Simpsons, visto que possui uma sala de vidro e uma fonte no jardim. Esses itens indicam que eles são detentores de um capital econômico bom e que os permite usufruir de diversos luxos, os quais incluem viagens internacionais para a Itália. Além dos objetos mencionados anteriormente, a morada apresenta um piano de cauda como

<sup>13</sup> “They had a television long before anyone else in the flats. Occasionally, they would invite people in to watch a programme, usually Coronation Street. They had a telephone that people would come and ask if they could borrow. They had a fridge and she would make ice cubes out of orange squash and give them to me to suck” (LEVY, 1994, p. 135).

<sup>14</sup> Only one! We have three here” (LEVY, 1994, p. 123).

<sup>15</sup> “Suddenly a room opened up before me, a huge room. It looked bigger than out entire flat. It was bright and sunny, but had the stale air of not being used all day. There was a kitchen area with wooden cupboards. It had a cooker that was halfway up the wall and a fridge so big you could walk into it” (LEVY, 1994, p. 184).

peça decorativa. Ele também é utilizado para reforçar o complexo de grandeza que a casa exprime, já que Angela caracteriza a maioria dos objetos como grandes e brilhantes. Além de ser um indicativo de beleza, a disposição estética das moradias apresentadas no romance “é, também, a expressão distintiva de uma posição privilegiada no espaço social, cujo valor distintivo determina-se objetivamente na relação com expressões engendradas a partir de condições diferentes” (BOURDIEU, 2007, p. 56). Por possuírem posições privilegiadas, tanto os Simpsons quanto os Kromers são capazes de decorar sua moradia com artigos mais luxuosos do que aqueles dispostos no apartamento da família Jacobs, que ocupa as margens e por isso não tem acesso aos privilégios garantidos às famílias citadas anteriormente.

Desse modo, a configuração espacial das três residências apresentadas atua como um indicativo que reforça as posições sociais ocupadas por tais famílias, visto que

as tomadas de posição, objetiva e subjetivamente, estéticas – por exemplo, a cosmética corporal, o vestuário ou a decoração de uma casa – constituem outras tantas oportunidades de experimentar ou afirmar a posição ocupada no espaço social como lugar a assegurar ou distanciamento a manter (BOURDIEU, 2007, p. 57).

Assim sendo, ao escolherem mobílias que reforçam o estereótipo de grandeza, os Simpsons e os Kromers afirmam suas posições como pertencentes à classe dominante no espaço social, enquanto os Jacobs buscam alcançar um posto mais aceitável perante o grupo hegemônico. Por não apresentarem mobílias tão luxuosas e não possuírem um automóvel, a família de Angela se encaixa no grupo minoritário. Enquanto isso, a moradia da família Kromer expressa valores de poder maiores do que as outras famílias apresentadas na narrativa, principalmente pelo fato de ela ser uma casa e não um apartamento — fato que ocorre com as demais famílias apresentadas no romance —, o que permite que mais artigos de decoração sejam colocados, como a fonte localizada no jardim, que, além de embelezar a morada, eleva o *status* da família que a possui. Dessa forma, os itens decorativos e a presença, ou falta, de meios de transportes nas moradias — sendo esses representados na narrativa pelos automóveis — atuam substancialmente como fatores de distinção entre aqueles que pertencem ao grupo hegemônico ou à classe marginalizada.

#### **4 O lazer como elemento de distinção**

O lazer detém um espaço importante no romance de Levy e está diretamente relacionado ao capital econômico, visto que famílias consideradas mais abastadas experienciam atividades de lazer qualitativamente melhores. O acúmulo de recursos permite que famílias, como os Simpsons, possam desfrutar de artigos de luxo, enquanto famílias como os Jacobs, que não apresentam muito capital, não. Na verdade, a família Simpsons parece não apresentar problemas relacionados a gastos, já que ao ser informado por sua esposa que ela deseja comprar um novo par de sapatos e arrumar o cabelo, a única resposta dada por George foi: “Ok, nós teremos que colocar

menos no Christmas Club” (LEVY, 1994, p.136, tradução nossa)<sup>16</sup>. A preocupação é tão inexistente que ele nem se importa em dar dinheiro para Angela, mesmo que sejam apenas seis centavos.

O mesmo não ocorre na família de Angela, na qual ela é a única dentre os irmãos a receber uma pequena mesada do pai — seis centavos, o mesmo valor dado por George —, sendo esse um motivo de revolta para aqueles que não a recebem, os quais afirmam que não é justo que apenas Angela ganhe dinheiro. O motivo pelo qual Angela é a única a receber seis centavos do pai é logo esclarecido, já que Winston afirma que é uma singela premiação pelo seu bom comportamento. Desse modo, Angela dispõe de algum recurso para concretização de atividades de lazer, esses recursos, contudo, são bastante limitados.

Um dos artigos de maior luxo apresentados no romance é o automóvel. Poucas famílias o possuem — como, por exemplo, os Simpsons, os Kromers e Doreen e seu marido Andrew —, o que o torna um símbolo que representa a riqueza. Enquanto George e sua esposa usufruem do automóvel para viajar até a Espanha, Winston e sua família tentam mascarar o verdadeiro motivo de não possuírem tal veículo. A desculpa que o patriarca da família, Winston, dá ao ser questionado pelo motivo de não possuir um carro é: “Nós não sentimos a necessidade” (LEVY, 1994, p. 123, tradução nossa)<sup>17</sup>, enfatizando a disponibilidade de bons ônibus e metrô. Isso não passa de uma justificativa usada para mascarar o problema que os impede de comprar um carro: falta de dinheiro. Assim, o meio de transporte utilizado pela família para realizar uma viagem é o ônibus, justamente por ser menos dispendiosa, possibilitando que o capital econômico, que já não é muito, seja poupado.

Outro artigo de lazer refere-se às viagens. Na narrativa, tanto os Simpsons como os Kromers usufruem de capital econômico para realizarem viagens até a Espanha e a Itália durante as férias, respectivamente. Contudo, o mesmo não ocorre com os Jacobs. Primeiramente, suas possibilidades de locomoção são bem restritas: “Nós fomos de férias de ônibus porque ele era mais barato que o trem” (LEVY, 1994, p. 69, tradução nossa)<sup>18</sup>. Não há outra opção, porque os recursos financeiros são escassos, ainda mais por se tratar de uma família composta por seis pessoas. Segundamente, a viagem torna-se desagradável pelo fato do trajeto ser longo, quente e cansativo. E, por último, ela não detém um enfoque tão especial quanto as viagens das famílias Simpson e Kromer, já que o local de destino ainda é localizado na Grã-Bretanha e não é tão exclusivo assim, por abarcar diversas famílias no mesmo ambiente, a fim de realizarem as mesmas atividades.

Dessa forma, a configuração da viagem de Angela e sua família é totalmente distinta daquela apresentada em outros núcleos familiares discutidos acima. Enquanto a viagem dos Simpsons com destino à Espanha é algo interessante, com direito à obtenção de uma coleção de bonecas em trajes espanhóis completos, a viagem dos Jacobs transforma-se em algo desastroso por dois motivos: o primeiro refere-se ao fato de ser algo cansativo e feito em um espaço abafado — um ônibus, no caso — e o

<sup>16</sup> “Okay, we’ll have to put less in the Christmas Club” (LEVY, 1994, p.136).

<sup>17</sup> “We don’t feel the need” (LEVY, 1994, p. 123).

<sup>18</sup> “We went on holiday by coach because it was cheaper than the train” (LEVY, 1994, p. 69).

segundo é relacionado com a falta de atrativos para os integrantes da família Jacobs, principalmente para Angela, que é deixada de lado em atividades recreativas, como a dança na festa de recepção, por ser considerada criança.

Outro ponto importante referente à viagem de Angela e seus familiares reside no comportamento de consumo durante esse período de lazer. Assim, o destino — o Pontins, um acampamento de férias — foi escolhido inteiramente baseado em questões financeiras, já que o lugar é barato e Winston parece estar disposto a economizar ao máximo, visto que, logo ao chegarem ao acampamento, há uma recusa em oferecer gorjeta para o porteiro responsável por ajudar no carregamento das malas. Além disso, ao chegarem à festa de recepção, Angela pede por batatas fritas e o que recebe do pai é: “Você não precisa de batatas fritas — eu não tenho dinheiro para batatas fritas” (LEVY, 1994, p. 74, tradução nossa)<sup>19</sup>. Novamente Winston tenta economizar seu dinheiro, recusando os desejos da filha, porém isso muda quando Beryl o informa que todos ao seu redor estão tomando alguma coisa e, portanto, eles também deveriam. Desse modo, as atividades de lazer da família se restringem em razão do desejo de controlar o gasto de capital econômico. Já a viagem da família Kromer, para a Itália, é marcada por descobertas gastronômicas: foi lá que o casal comeu a sua primeira pizza, resultando na compra de um livro de receitas, o *Italian Cuisine*, devido à grande satisfação trazida pelo alimento. Além da viagem mencionada anteriormente, a senhora Kromer possui planos de visitar o Caribe por causa das praias, do sol e do rum, reforçando a ideia de que dinheiro não é um empecilho para essa família.

Além de viagens, há a presença de outras atividades de lazer. Os passatempos da família Jacobs se baseiam em assistir televisão e participar de jogos recreativos. O núcleo familiar passa grande parte do domingo em frente à televisão assistindo programas como *The Big Match* e *The Golden Shot*, salvo Beryl, que usa seu tempo livre para lavar roupa. Assim como os Jacobs, a família Simpson usufrui de sua televisão no tempo livre, mas, diferente deles, o programa mais assistido é *Coronation Street*. Ainda com relação ao núcleo familiar de Angela, ela e seu irmão se envolvem em atividades ao ar livre com as demais crianças que moram em seu prédio, incluindo Sonia. Tais atividades se resumem em jogos como tacada, beisebol, entre outros. Diante da escassez de recursos para a realização de outras atividades de lazer, a protagonista se vê forçada a ser criativa e desbravar outras formas de entretenimento.

### 5 Considerações finais

Com base no que foi pesquisado e analisado, compreende-se que Levy tenta, de um modo sutil, mostrar ao seu leitor a forma como os elementos representados pela alimentação, moradia e pelo lazer atuam na distinção entre as esferas familiares apresentadas no romance. Essas três categorias reforçam que o distanciamento que ocorre com a família Jacobs perante o grupo hegemônico é decorrente das condições precárias, enquanto os outros três núcleos familiares se encontram em locais de maior prestígio. A caracterização central desses elementos também reflete a maneira em que a família de Jacobs é concebida por esta sociedade, já que a diferença econômica é

<sup>19</sup> “You don’t need chips — I haven’t got money for chips” (LEVY, 1994, p. 74).

ponderada nas atitudes dos outros núcleos familiares, que muitas vezes apresentam comportamentos hostis.

A partir das evidências mostradas no romance, o capital econômico que cada família mantém é fundamental na diferenciação entre o grupo hegemônico e o minoritário. Os personagens pertencentes a classes abastadas têm acesso às experiências qualitativamente melhores e mais satisfatórias, como as viagens feitas pelas famílias Kromer e Simpsons, e, conseqüentemente, a alimentos mais diversificados, como pizza e abacate na residência Kromer; assim como os bifés e batatas crocantes na dos Simpsons. O mesmo não ocorre com os personagens que pertencem à minoria, já que eles experienciam viagens menos divertidas por precisarem escolher lugares menos custosos. Sendo assim, as atividades desse grupo são restringidas, já que se veem confrontados com a necessidade de economizar dinheiro.

Assim sendo, evidencia-se que a questão alimentar é igualmente afetada pelo capital econômico, fazendo com que alimentos considerados mais “pobres”, como salsicha e almôndega, façam parte do cardápio gastronômico de famílias como os Jacobs. Já na questão referente à moradia, a influência é relacionada com a disposição estética. Famílias que possuem mais recursos, conseqüentemente, têm condições de comprar artigos mais luxuosos do que aqueles que carecem desse bem. Desse modo, o capital financeiro tem um papel extremamente substancial perante os grupos apresentados na narrativa, sendo capaz de influenciar todos os setores da vida, seja ele alimentício, decorativo ou cultural, transformando-os, de um modo satisfatório ou não.

### *Referências*

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2007.

COURTMAN, Sandra. Women Writers and the Windrush Generation: A Contextual Reading of Beryl Gilroy's *In Praise of Love and Children* and Andrea Levy's *Small Island*. *ExerText: Special Issue on Andrea Levy*, Londres, v. 9, p. 84-104, 2012.

DUBOIN, Corinne. Contested Identities: Migrant Stories and Liminal Selves in Andrea Levy's *Small Island*. *Obsidian: Literature in the African Diaspora*, v. 12, p. 14-33, 2011.

GITHIRE, Njeri. The Empire Bites Back: Food Politics and the Making of a Nation in Andrea Levy's Works. *Callaloo*, v. 33, n. 3, p. 857-873, 2010.

LEVY, Andrea. *Every Light in the House Burnin'*. Londres: Headline Book Publishing, 1994.

MATHIAS, Dionei. Literatura e fluxos migratórios em contextos anglófonos: sobre a gênese discursiva de um campo de pesquisa. *Scripta Uniandrade: Revista de Pós-Graduação em Letras*, Curitiba, v. 16, n. 2, p. 225-238, 2018.

SHARMA, Swarnita; DWIVEDI, Jaya; TIWARI, Sheela. Realistic approaches and bare realities in the novels of Andrea Levy. *IUP: Journal of English Studies*, Pensilvânia, v. 11, n. 4, p. 17-24, 2016.

SILVA, Denise Almeida. Por um lugar no império: inglesidade, pertencimento negro e memória nacional em dois contos de Andrea Levy. *Ilha do Desterro: Revista de Língua Inglesa, Literatura em Inglês e Estudos Culturais*, Santa Catarina, v. 70, n. 1, p. 17-26, jan. 2017.